

## O PAPEL DA AFETIVIDADE NO ENSINO DE FILOSOFIA: UM ESTUDO A PARTIR DE MARTIN HEIDEGGER A MICHEL HENRY

### THE ROLE OF AFFECTIVENESS IN TEACHING PHILOSOPHY: A STUDY OF ONE FROM MARTIN HEIDEGGER A MICHEL HENRY

Diego Maciel<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo objetiva apresentar e ressaltar a importância da afetividade no ensino de filosofia. O estudo acerca da afetividade surge devido à necessidade de explorar os campos férteis do afeto, relacionados ao ser no mundo, o que vai nos exigir, em primeira instância, que seja feita uma fundamentação teórica de tal questão, a saber, a visão da “afetividade” em autores tradicionais da filosofia. Desta forma, nos utilizamos de dois autores os quais vão servir de base sólida para a pesquisa. São eles Martin Heidegger e Michel Henry. Neste sentido, através do termo Dasein, trazido à tona por Heidegger, passamos a analisar o ser no mundo; segundo o filósofo, o Dasein, no mundo, será o principal meio de acesso à afetividade, pois o Dasein “ser-aí” se envolve com o mundo através das disposições emotivas as quais o tornam capazes de sentir, criar e desejar. Já Michel Henry pretende dar um salto a mais neste propósito afetivo e engrandece a discussão, ao passo que ele apresenta a fenomenologia da vida. Neste sentido, sua proposta é apresentar a vida como meio de acesso a todas as coisas, através da auto-afecção, levando, desta forma, a existência humana como uma experiência junto do mundo. Tanto Heidegger quanto Michel Henry pretendem demonstrar que a afetividade está relacionada com o ser, o que demonstra e afirma que as relações de afeto denominam o modo do ser “ser” no mundo. Isso nos leva a ressaltar sua importância para o ensino de filosofia, onde se faz necessária sua inserção e desenvolvimento na grade curricular, onde ela possa se sobressair em relação à maneira tradicional de ser apresentada, dando um novo sentido ao ensino, pautado nas necessidades dos alunos.

**Palavras-chave:** Afetividade; Filosofia; Vida; Ser.

**Abstract:** This article aims to present and highlight the importance of emotionality in teaching philosophy. The study of emotionality arises because of the need to explore the fertile fields of affection related to being in the world, which will require us, in the first instance, to

<sup>1</sup> E-mail: diegomaciel3@hotmail.com

make a theoretical foundation of such a question, namely the vision of the "affectivity" in traditional authors of philosophy. In this way, we use two authors which will serve as a solid basis for the research. They are Martin Heidegger and Michel Henry. In this sense, through the term Dasein, brought to light by Heidegger, we begin to analyze the being in the world; according to the philosopher, Dasein in the world will be the main means of access to affectivity, for Dasein "being-there" becomes involved with the world through the emotional dispositions which make it capable of feeling, creating and desiring. Already Michel Henry intends to take a leap forward in this affective purpose and magnifies the discussion, while he presents the phenomenology of life. In this sense, his proposal is to present life as a means of accessing all things through self-affectation, thus bringing human existence as an experience to the world. Both Heidegger and Michel Henry want to demonstrate that affectivity is related to being, which demonstrates and affirms that affective relationships call the mode of being "being" in the world. This leads us to emphasize its importance for teaching philosophy, where it is necessary to insert and develop it in the curriculum, where it can stand out in relation to the traditional way of being presented, giving a new meaning to teaching, based on the needs of the students.

**Keywords:** Affectivity; Philosophy; Life; Being.

## INTRODUÇÃO

Ao passo que percorremos o caminho da afetividade, nos aproximamos cada vez mais da necessidade de sua inserção na educação, principalmente na filosófica, o que nos leva à constatação da quase nula atuação da mesma em sala de aula. Assim, procuramos ressaltar a sua importância.

No presente texto, discutiremos a importância da afetividade para o ser humano no que rege sua relação com o mundo. Mais especificamente, trataremos da afetividade com o intuito de introduzi-la no contexto educacional, através da teorização do seu conceito apresentado pelos filósofos Martin Heidegger (2005) e Michel Henry (2015). Nesta abordagem, nossa intenção seria de demonstrar que há, na filosofia, uma área que trabalha com tal questão e tentar, desta forma, defender a ideia de que a afetividade não é trazida à tona no ensino de filosofia, de forma pertinente.

Para tentar realizar a desconstrução presente de que a escola não está preocupada em trabalhar as emoções em âmbito escolar, partimos da necessidade de quebrar o paradigma regente, aonde, precisamos em primeira mão, desde cedo, nas salas de aula, construir uma ideia positiva da afetividade, pois a escola tem como objetivo assumir-se como instituição de referência na educação e central na formação dos indivíduos. Por essa razão, ela não pode deixar de lado a promoção da afetividade, através de exemplos. O que pressupõe pensarmos em novas formas de educação.

Pensar em novos formatos educacionais é sempre uma atividade árdua, devido à grande diversidade presente em cada sociedade e cultura, mas a necessidade se torna imprescindível para a sociedade como um todo. Desse jeito, vemos que há uma certa preocupação em desenvolver esta temática "afetividade" em sala de aula, no entanto, há ainda muitos desafios a serem sanados como, por exemplo, uma boa fundamentação e aceitação da afetividade como parte da vida escolar e humana."

Na filosofia temos um ensino que se caracteriza pelo desenvolvimento de habilidades. As Orientações Curriculares para o Ensino Médio e os Parâmetros Curriculares Nacionais: *Ensino Médio*, elencam inúmeras habilidades que caracterizam o ensino da Filosofia no Ensino Médio, por exemplo as habilidades afetivas: Prestar atenção, saber ouvir, ter empatia, respeitar, dialogar, considerar sentimentos, estar aberto para a crítica e para a autocorreção.

Com base nisso, adotamos a afetividade como pressuposto de nossa pesquisa, a fim de perceber o diálogo entre as mais diversas formas de emotividade e o ensino de filosofia.

Por fim, verificamos que a afetividade, em sentido educacional, tomada pelas grades curriculares, assume uma das estratégias mais viáveis para amenizar a situação presente do ser na busca pelo seu sentido, para que ser e mundo possam se complementar e que esses dois aspectos, juntos, formem um caminho a ser percorrido.

## 1. DISPOSIÇÃO AFETIVA EM MARTIN HEIDEGGER

O presente capítulo tem como objetivo fazer uma reflexão sobre o pensamento de Martin Heidegger (1889 – 1976) no que diz respeito aos fundamentos ontológicos de sua fenomenologia dos afetos, em sua obra magna “Ser e Tempo”<sup>2</sup> (1927). Nesta perspectiva, as disposições emotivas são o marco inicial de nossa pesquisa, por isso, em primeira instância, vamos descrever a ideia principal apresentada por Heidegger sobre o “ser”, e consecutivamente, o que são e como se manifestam as disposições emotivas em relação a este ser, assim como sua importância no ensino de filosofia.

Ao iniciar nossa pesquisa, vemos que o primeiro contato de Heidegger com a questão do ser foi dada mediante um recebimento de uma cópia do texto “Sobre o múltiplo significado do ser em Aristóteles” em 1907 do filósofo Franz Brentano, o que, de imediato, não o fez se lançar profundamente sobre esta questão, e, sim, mais tarde, já quando professor da Universidade de Friburgo, por influência de Edmund Husserl. Após a aposentadoria de Husserl, Heidegger assume seu lugar como professor na Universidade de Friburgo, e se dedica mais profundamente às questões que tratam do ser, sendo influenciado fortemente pela fenomenologia de Husserl. Mais tarde, ao ler a obra *Ser e Tempo*, Edmund Husserl fica desanimado diante da interpretação de seu atual sucessor Heidegger, pois, segundo Husserl, Heidegger interpretou sua fenomenologia mal, deixando de seguir na busca de tornar a fenomenologia uma ciência rigorosa, assim como podemos ver, segundo Cerbone [...] “Heidegger enfaticamente rejeita a redução fenomenológica como o ponto de partida para a fenomenologia” (2013, p. 72).

Heidegger em *Ser e Tempo* tem como objetivo principal apresentar o ser e seu sentido, procurando desta forma diferenciar o ser<sup>3</sup> e ente<sup>4</sup> que acaba nos levando a proposta de discutir a respeito do ser e do Dasein. A busca que Heidegger trama em relação ao ser é advinda do esquecimento do próprio ser, pois, segundo Heidegger, desde os filósofos gregos em diante, o ser foi concebido como sendo indefinível e, ao mesmo tempo, sendo o conceito mais universal, como ele salienta:

No solo da arrancada grega para interpretar o ser, formou-se um dogma que não apenas declara supérflua a questão sobre o sentido do ser como lhe sanciona a falta. Pois se diz: “ser” é o conceito mais universal e o mais vazio. Como tal, resiste a toda tentativa de defini-

2 A obra utilizada neste artigo é pertencente a 15ª edição, publicada no ano de 2005, tradução feita por Márcia Sá Cavalcante Schuback.

3 “Ser esta naquilo que é e como é, na realidade, no ser simplesmente dado (Vorhandenheit), no teor e recurso, no valor e validade, na presença, no “há” (HEIDEGGER, 2005, p. 32).

4 “Chamamos de “ente” muitas coisas e em sentidos diversos. Ente é tudo de que falamos, tudo o que entendemos, com que nos comportamos, dessa ou daquela maneira, ente é também o que e como nos mesmos somos” (HEIDEGGER, 2005, p. 32).

ção. Esse conceito mais universal e, por isso, indefinível prescinde de definição (HEIDEGGER, 2005, p. 27).

Heidegger, ao considerar a questão do ser a mais fundamental dentro da sua filosofia, procura fazer um retorno à problemática com a intenção de levantar este questionamento pois, segundo Heidegger, o que foi encoberto e esquecido inquietava o filosofar antigo<sup>5</sup> e se mantinha inquietante. Desta forma também ele se sentia em relação ao ser. Ao se lançar nessa busca de compreender o ser, Heidegger vê a dificuldade e a considera como sendo uma tarefa não muito fácil de solucionar, mas que é muito importante e necessária. Vê que as primeiras tentativas de responder a esta questão acabaram se distanciando ainda mais, fato que, segundo o filósofo, ocorreu por que, segundo sua visão, não foram esgotadas todas as possibilidades de perguntas sobre o ser. Disto foram se originando alguns preconceitos, como o ser sendo o conceito mais "universal", resistindo a qualquer modo de definição o que acabou levando, de certa forma, a este esquecimento ou distanciamento do ser, o que, segundo Heidegger, não será uma tarefa fácil de responder:

Sempre procuramos responder esta pergunta dando uma definição direta e cabal do ser; sempre nos esforçamos por apreender-lhe o sentido, dentro de uma determinação imediata e exaustiva de seu uso e de sua significação. Mas todas estas tentativas e esforços terminam num fracasso. Por isso, tentamos sempre de novo, buscando caminhos indiretos através da filosofia, da ciência, da arte e da religião, ou mediante as ordens do conhecimento com seus modelos, da ação com seus padrões, e do sentimento com suas vivências. E fracassamos de novo (HEIDEGGER, 2005, p.13).

A busca incessante de Heidegger em querer definir o ser o coloca em frente a outra problemática, ou seja, por onde começar. Diante desta problemática vemos que Heidegger parte do princípio de que a definição do ser começa por nós mesmos "o ente que temos a tarefa de analisar somos nós mesmos. O ser deste ente é sempre e cada vez meu" (HEIDEGGER, 2005, p. 77), ou seja, o filósofo, na busca de encontrar uma solução para este questionamento, vai apresentar o *Dasein* a qual é uma palavra originário do alemão que significa ser-aí, para identificar o modo do ser humano. O *Dasein* é o ponto de partida para as perguntas de Heidegger e também será através dele que obterá todas as respostas, o que mostra que o *Dasein* é um ente que se diferencia dos demais por ele ser o único ente capaz de se auto compreender. Isso o coloca em uma tarefa importantíssima na qual ele terá a pretensão de se envolver com o mundo através das disposições emotivas, sendo capaz de sentir, criar, desejar e até mesmo destruir, ou seja, tudo o que de fato mostre sua interação com a sua existência.

O ser, segundo Heidegger apresentado como *Dasein* ou ser-aí, está presente no mundo, e se relaciona com os demais entes através de sua abertura, o que o diferenciara dos demais entes é a possibilidade de o *Dasein* interagir com sua própria existência, ou seja, de descrever seu próprio modo de ser especificamente humano. Nesse sentido, sua pretensão é mostrar como o ser se manifesta no mundo através da sua presença. O *Dasein* se torna o único ente capaz de compreender a si mesmo o que o torna um ente ontológico porque acarreta o próprio sentido de ser na cotidianidade.

Através da cotidianidade, Heidegger vai descrever o modo de ser absolutamente humano,

<sup>5</sup> Para Heidegger, Platão e Aristóteles até tentaram de certa forma abordar questões relevantes em relação ao ser e ao ente, mas que não se teve seguimento pelos seus seguidores, após ambos os filósofos a questão do ser foi quase que esquecida pois, segundo Heidegger a questão do ser nunca foi posta pela tradição metafísica.

o que de fato nos interessa pois, é a partir deste ente, em sua cotidianidade, que buscamos descrever a relação do homem com o mundo. Heidegger propõe como ponto de partida a cotidianidade por entender que é nela que o ser-aí se encontra na maioria das vezes.

O contato do ente humano *Dasein* com o mundo é dado através da presença, o que leva o ser-aí para a sua abertura, dada através das disposições afetivas, pois o *Dasein*, no mundo, será capaz de questionar e nos levar para a compreensão de nós mesmos, como Heidegger salienta dizendo que: “Este ente que cada um de nós somos e que, entre outras, possui em seu ser a possibilidade de questionar, nós o designamos pre-sença” (HEIDEGGER, 2005, p. 33). O ente humano, uma vez que se relaciona com seu próprio ser, também está constantemente se relacionando com o ser dos demais entes através de sua pre-sença, pois “o ser é sempre o ser de um ente” (HEIDEGGER, 2005, p. 35).

O relacionamento entre os entes, no cotidiano, coloca o *Dasein* numa estrutura existencial chamada de disposição afetiva porque esta é a condição ontológica de manifestações ônticas, como a angústia e o humor, pois estas são de caráter subjetivo ao ser, o qual está propenso a sentir. A disposição afetiva é um modo de percepção do respectivo modo do ser-aí ser, constituindo, portanto, o modo existencial pelo qual o ser-aí apresenta a própria abertura e a possibilidade de se auto interpretar, o que o leva a entender que nós enquanto ser-aí buscamos nos relacionar com o mundo conforme nossa própria maneira de ser, que pertence a cada um pelo fato de não sermos neutros diante do mundo. O *Dasein* sempre está se relacionando com o mundo de forma permanente, através de sua presença com o mesmo. Assim somos nós, seres humanos, estamos constantemente nos relacionando com o mundo e nosso modo de ser se dá mediante nosso existir, assim como Heidegger afirma que a nossa presença no mundo demonstra quem nós somos; “a presença não é apenas um ente que ocorre entre os outros entes. Ao contrário, do ponto de vista ôntico, ela se distingue pelo privilégio de, em seu ser, isto é, sendo, estar em jogo seu próprio ser” (2005, p. 38).

Através das emoções que o *Dasein* sente, especificamente nos exemplos do humor e angústias trazidos por Heidegger, vemos que o ser humano, em sua existência, está entrelaçado com estas sensações, o que nos leva a buscar compreender a forma como o ser se comporta diante destas tonalidades afetivas. O humor, segundo Heidegger, vai possibilitar a abertura do *Dasein*, ou seja, vai demonstrar como ele está, como ele se encontra, “O humor revela “como alguém está e se torna”. É nesse “como alguém está” que o humor conduz o ser para o seu pré” (Heidegger, 2005, p. 188).

O ser humano está sempre se relacionando dentro do mundo, o que possibilita agir conforme uma tonalidade afetiva. Portanto, as tonalidades afetivas representam o próprio modo de ser existencial deste ente humano, podendo elas demonstrar o modo de seu existir. Isso, voltado para o mundo, pode significar aquilo que se é e seu sentimento de mundo. Desta forma, ao passo que se é afetado pelas tonalidades afetivas, como o humor, pode o ser-aí sentir medo, alegria e angústia, assim como Heidegger demonstra dizendo que: “O humor já abriu o ser-no-mundo em sua totalidade e só assim torna possível um direcionar-se para” (2005, p. 191). Estas manifestações ônticas, que surgem diante do ser-aí, só surgem a partir das disposições afetivas. O que demonstra que se este ser-aí não assumisse uma relação afetiva com o mundo, nada lhe poderia parecer de seu interesse. Realmente, tudo o que está disposto no mundo seria visto como sendo igual.

É de caráter fundamental das tonalidades afetivas proporcionar ao ser-aí um estado de sintonia com aquilo que se lhe apresenta. Desta forma, Heidegger tem como destaque uma disposição em particular, a angústia. Segundo o filósofo, a angústia revela o mundo como ele é, fazendo com que o nada se manifesta:

Aquilo com que a angústia se angustia é o “nada” que não se

revela “em parte alguma”. Fenomenalmente, a impertinência do nada e do em parte alguma intramundanos significa que a angústia se angustia com o mundo como tal (HEIDEGGER, 2005, p. 250).

Portanto o nada é proporcionado pelo sentimento da angústia, o qual vai revelar o mundo como tal pelo fato de tornar as coisas sem significado para o Dasein. O nada, fundado no mundo, vai pertencer à constituição existencial do próprio ser-aí enquanto ser-no-mundo. No entanto, “se, portanto, o nada, ou seja, o mundo como tal, se apresenta como aquilo com que a angústia se angustia, isso significa que a angústia se angustia com o próprio ser-no-mundo”<sup>6</sup>.

A angústia como tonalidade afetiva proporciona, no Dasein, uma espécie de emotividade na qual libera o ser-aí para o seu poder ser próprio, afastando-se dos entes intramundanos que, de certa forma, nada tem a ver com seu ser próprio, e, ao passo que este ser se afasta, ele se esvazia se desligando de qualquer estado de preocupação do mundo que não condiz com o seu. Os afetos, para Heidegger, através da interpretação ontológica tem como objetivo principal revelar o próprio mundo para o Dasein, do qual prescinde do entendimento do ser no mundo. Para Heidegger, a angústia é um modo autêntico, uma tonalidade afetiva autêntica, que vai possibilitar para o ser o contato com o mundo, com o qual o ser se encontra com a finitude em relação a sua morte. Desta forma, através da angústia o ser concebe as coisas no mundo como sendo insignificantes.

Em relação a este pequeno esboço sobre a questão do ser, aqui apresentada, segundo Heidegger, vemos que esta questão ainda se encontra na obscuridade por não se dar por concluída a questão do que é o ser, mas que a partir do que o filósofo nos apresenta através do Dasein, vemos que o ser-aí se conhece no mundo e se relaciona com o mesmo através de sua abertura, o que nos leva a entender que os exemplos de Heidegger, trazidos a tona, sobre a angústia e o humor, pode-nos levar a uma forma de entendimento sobre os modos com os quais o Dasein se relaciona com o mundo e com ele mesmo. O que nos leva a intensificar e aprofundar as questões de que trata o ser e a afetividade em Michel Henry que propõe na vida vivida pelo ser o meio de acesso aos seus sentimentos, ou seja, mostrar como o ser pode ser afetado através do mundo.

## 2. TONALIDADES AFETIVAS SEGUNDO MICHEL HENRY

Michel Henry, voltado para os interesses subjetivos do homem no mundo, propõe intensificar o estudo da relação homem-mundo, ser e vida, com o intuito de saber como ambos se relacionam. Nesta tratativa surge uma proposta de aproximar as relações de afeto através da fenomenologia da vida.

Henry vai propor um novo método de investigação fenomenológica contemporânea, apresentando, desta forma, um novo pensar em relação ao mundo, ou seja, como o mundo da vida afeta o mundo da consciência, o que nos leva, a cabo, à recusa do Dasein de Heidegger, nesta problemática, pois segundo Furtado, “a introdução do Dasein humano, aqui, mascara, segundo Michel Henry, o verdadeiro problema” (FURTADO, 2008, p. 232). Desta forma, tão pouco Michel Henry tem a pretensão de criar um método tal qual Husserl propõe, o que nos leva a crer que o fenomenólogo francês propõe uma leitura diferente em relação a Husserl<sup>7</sup>, no sentido fenomenológico, mas que, ao mesmo tempo, não o afasta de sua herança.

Adjacente ao processo de transição entre a problemática fenomenológica durante a história, pode-se perceber que Michel Henry parte em busca de uma nova forma de apresentar a fenomenologia pautada na experiência da vida, o que bate de frente com a chamada tradição

<sup>6</sup> HAIDEGGER, 2005, p. 251.

<sup>7</sup> A crítica com a qual Michel Henry faz a fenomenologia de Edmundo Husserl se dá mediante a certeza de que ela não conseguiu se aproximar da essência da vida.

fenomenológica apresentada por Husserl que, nesta ocasião, coloca a *hylé* "matéria", como a principal forma de conhecimento do ser, o que, na visão de Henry, vai além de uma simples redução fenomenológica, pois, segundo o filósofo, a vida se torna o principal meio de acesso as coisas.

Neste momento, Michel Henry propõe a inserção de sua teoria sobre a fenomenologia da vida, na qual busca intensificar a importância das relações de afeto de que está propenso o ser, pois segundo o filósofo a existência humana é uma experiência junto do mundo.

A maneira com a qual Michel Henry se posiciona em relação à vida e da afetividade nos leva a compreender seu sentido mais originário de propor a vida ao que mostra que a vida não pode ter caráter representativo mediante uma redução transcendental. Nesse sentido, a afetividade é posta em questão por Michel Henry como um retorno fundamental. Nesse quesito, o papel da fenomenologia da vida seria justamente fornecer uma compreensão mais apurada acerca da afetividade, o que nos leva para a originalidade de Henry que consiste em entender o próprio homem, a vida nele, não como uma entidade dentro do horizonte do ser, mas como a essência em si, sendo ela mesma. Assim, como ele salienta que:

El hombre mismo, la vida en el, no se debe interpretar como un ente en el interior del horizonte del ser, sino como la esencia misma a partir de la cual el ser, en su diferencia, respecto de los entes, se proyecta y se funda. (HENRY, 2015, p. 5).

A tarefa da fenomenologia material, de Henry, tem a pretensão de mostrar como o ser pode ser afetado através do mundo.<sup>9</sup> A afetividade vai assumir o caráter de abertura deste ser para o mundo da vida. Ao passo que o ser se abre para o mundo, este passa a senti-lo de forma a se auto afetar. Isso demonstra que o ser passa a compreender e sentir o mundo tal qual ele se apresenta "El mundo es el medio de la afección; èl es, más bien, lo que nos afecta, la presión que ejerce sobre nosotros el ente es en realidad la del mundo" (HENRY, 2015, p. 438).

Henry pretende, "ao modo de um curto-circuito ontológico, transferir o ser do mundo Heideggeriano para o interior da experiência auto-afetante do corpo próprio, pois a exterioridade do mundo não pode determinar, a partir da transcendência da sua estrutura ontológica, nenhuma verdadeira realidade".<sup>10</sup> Henry, a partir da corporeidade, pretende demonstrar o conceito de ser como aquele ser afetado, capaz de sentir na própria pele a vida como sendo a própria experiência dela.

A fenomenologia da afetividade vai ser a grande sacada para entendermos a proposta de Henry na problemática levantada, onde se pretende desencilhar a emboscada do entendimento de como este mundo da vida vai influenciar o mundo da consciência; desta forma, se faz necessário exemplificar o enredo de Michel Henry em relação à vida e à afetividade. Para Henry "a vida se apresenta em uma indeterminação, a qual não pode ser dominada. A vida se vive a si mesma, se prova nessa interioridade imediata de si, no pathos" (PRASERES, 2017, P. 35). A experiência da vida, enquanto vida, é possível através da afetividade a qual condiciona a forma com a qual o ser se sente no mundo da vida". A vida é o que se sente e que se faz experiência de si mesma, na qual sua essência encontra-se na autoafecção" (PRASERES, 2017, p. 35).

A vida para Henry é absorvida como um elemento crucial em sua proposta, o que a coloca como meio de acesso a todo sentir humano. Desta forma, ele se refere à vida como aquela que se dá enquanto se experimenta. Nesse experimentar surge "a afetividade como ponto de partida para a intuição do mundo, possibilitando, assim, uma renovação da fenomenologia e suas

8 Henry, sin embargo, ve que las cosas mismas, los fenómenos mismos, exigen la conversión de la ontología em una edición nueva y radicalizada de la fenomenología (HENRY. 2015, P. 5).

9 A través de este mundo llega a nosotros todo lo que nos afecta (HENRY. 2015, P. 438).

10 (FURTADO. 2008, P. 246).

questões, buscando compreender a essência da vida"<sup>11</sup>. A afetividade é definida por Henry como sendo a essência da auto-afecção, um sentir-se a si mesmo; assim como ele a coloca:

La afectividad es la esencia de la autoafección, su posibilidad no teórica ni especulativa, sino concreta, la imanencia misma captada ya no en la idealidad de su estructura sino en su efectuación fenomenológica indudable y cierta: es la manera en que la esencia se recibe, se siente ella misma, de modo que este "sentirse" como "sentirse a si misma" presupuesto por la esencia y que la constituye se descubre en ella, en la afectividad, como sentirse a si misma afectivo a saber, precisamente como sentimiento, la esencia de la afectividad como tal: sentirse a sí mismo de manera que el sentimiento no es algo que se sienta él mismo, tal o cual sentimiento, tan pronto, éste como aquél, sino precisamente el hecho de sentirse a si mismo, considerado en él mismo, en la afectividad de su afectuación fenomenológica, es decir, en su realidad. Como tal con este "sentirse a sí mismo" fenomenológicamente no es diferente de esta: la afectividad es la esencia originaria de la revelación (HENRY, 2015, p. 440).

O sentir-se faz parte da vida do ser que está vivo e permanece no mundo da vida. A afetividade faz com que o ser no mundo possa se revelar diante dos fenômenos que a ele se apresentam. Desta forma em *La Esencia de la manifestación*, Michel Henry descreve que "toda vida es por esencia afectiva. La afectividad es la esencia de la vida" (HENRY, 2015, P. 454).

A afetividade é tomada por Henry como "a matéria fenomenológica que vai constituir a essência da vida"<sup>12</sup>. A vida não pode deixar de ser ela mesma, o que leva ao ser presente no mundo, vivenciá-la e experimentá-la, deixando-se afectar. A afetividade, tomada em sentido comum, pode ser descrita como um conjunto de fenômenos psíquicos que são experimentados e vivenciados na forma de emoções e de sentimentos.

A experimentação do mundo em forma de emoção leva o homem a ser ele mesmo e não outro, o que o subjetiva pois o experimentar-se a si mesmo o constitui de forma particular. A caracterização do mundo perante o ser é dada pelo seu sentimento de mundo o que nos leva a entender e ter a afetividade como algo inalienável, capaz de mudar o jeito de ser e viver dentro do mundo que pertence a cada um em particular. O que nos leva a aceitar que o homem, em sua vida no mundo, passa a conhecer os fenômenos diante das relações de afeto.

Segundo o filósofo, a afetividade, enquanto experiência de si mesmo no mundo da vida, muda completamente a maneira do ser, o que nos leva a entender a importância dessa afecção a qual o homem em si está fadado a ter. O que podemos indiscutivelmente afirmar, segundo o Autor, é que afetividade, enquanto afecção, vai revelar o mundo para o ser, e esta revelação só será dada mediante a afetividade. Desta forma, tomamos a teoria da fenomenologia da vida, apresentada por Michel Henry, para exemplificar a importância e a necessidade de ser desenvolvida a afetividade em âmbito escolar, o que pressupõe ser um dos papéis da filosofia.

### **3. HABILIDADES AFETIVAS COMO UMA DAS FINALIDADES DO ENSINO DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO**

11 (PRASERES. 2017, P. 70).

12 (Idem. 2017, P. 103).

O ensino de filosofia se torna cada vez mais desafiador pois, exige dos professores que preparem suas aulas de acordo com a realidade de cada turma, ou seja, de fazer com que os alunos se sintam empolgados com a aula e que esta possa de alguma forma introduzir temas relevantes a suas necessidades. Desta forma salientamos a importância e a necessidade das habilidades afetivas presentes no Ensino de filosofia por entendermos que ainda persiste um grande problema em relação a educação filosófica nos dias atuais, aonde ainda se encontram alunos cada vez mais desinteressados, o que acaba nos levando diretamente a rever os currículos escolares desenvolvidos até o momento.

O que está levando os alunos a pensarem assim, alguns dos motivos pode se dar por parte dos alunos que não estão interessados mesmo, mas será que os professores estão cada vez mais aprimorando suas aulas, com finalidade de trabalhar lacunas, em relação ao seu próprio existir, a fim de resgatar o interesse dos alunos. Assim diz Wermech:

Creio que ensinamos demais e os alunos aprendem de menos. Aprendem menos porque os assuntos são a cada dia mais desinteressantes, mais desligados da realidade dos fatos e os objetivos mais distantes da realidade da vida dos adolescentes. [...] (1987, p. 13).

Certamente a Filosofia tem muito a contribuir no espaço escolar. Desta forma, construir uma concepção e prática educacional que leve em conta as dimensões: intelectual, afetiva, estética, política, e sobretudo, a defesa do projeto filosófico na escola não é uma tarefa fácil de ser realizada, mas que necessita ter um início imediato. Desta forma vemos que o ensino de filosofia no ensino médio presente nos currículos da escola é indiscutivelmente a chave de acesso para esta aproximação.

Só a presença da filosofia nos currículos escolares não basta é necessária uma filosofia que desenvolva e desperte o lado afetivo de todas as pessoas ver e sentir o mundo tal como ele se apresenta para o ser, esta necessidade se a firma cada vez mais na atualidade a partir da necessidade de que seja oferecido novas formas de exercer a filosofia. Pensando por este viés e como já salientado na introdução, hoje “na filosofia temos um ensino que se caracteriza pelo desenvolvimento de habilidades. As *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* e os *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*<sup>13</sup>, elencam inúmeras habilidades que caracterizam o ensino da Filosofia no Ensino Médio, por exemplo as habilidades afetivas: Prestar atenção, saber ouvir, ter empatia, respeitar, dialogar, considerar sentimentos, estar aberto para a crítica e para a autocorreção”.<sup>14</sup> Estas habilidades entram em contato com a proposta apresentada por Henry, aonde que, a partir da vida “vívda” em sua subjetividade, o aluno passa a vivenciar de forma prática tais habilidades que vai se tornando visível em seu dia a dia. A prática plena dessas dimensões pode perder seu sentido se não for pensada de modo universal, para todos.

Nestas perspectivas percebemos a importância da afetividade desenvolvida nas escolas de maneira universal. Portanto a escola deve acolher a afetividade não como uma obrigatoriedade e sim com uma ciente certeza da sua utilidade enquanto formação humana do indivíduo para a vida. Além de que também pode auxiliar nos valores éticos morais e sociais adotados pela escola, enfim como nos salienta Kohan, é necessário que a escola adote medidas para que os alunos e também os professores tenham uma experiência prazerosa com a filosofia (KOHAN, 2000. p. 13).

O ensino de filosofia deve proporcionar ao aluno o contato com a afetividade, o que nos leva a despragmatizar com a ideia central de que a filosofia deveria ser aquela com a qual se tem

13 Segundo o artigo: A filosofia na reforma curricular do Ensino Médio pós LDB: habilidades e competências na formação para cidadania. De autoria de Altair Alberto Favero e Ana Lucia Kapczynski. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/refilo/article/download/23827/14026>.

14 Introdução do artigo página 4.

como primeira intenção teorizar os pensamentos e ideias de cada filósofo, não que isso seja menos importante, mas é necessário que não se esqueçam que a primeira intenção da filosofia é propor o contato do ser, aqui denominando todas as pessoas, com sua própria existência, possibilitando, através de atividades, proporcionar o seu reconhecimento.

No ensino médio a filosofia vem para fazer a diferença, buscando resgatar além do tradicional pensamento crítico que está sendo perdido com o tempo ressaltar a sua relação com o mundo. O que nos leva diretamente a Heidegger, que apresenta o Dasein “ser-aí” que envolvido no mundo pela afetividade, pode se relacionar com o mundo, e esta relação faz com que o ser possa sentir, criar e desejar.

As habilidades da qual citamos a cima e que a filosofia está se desafiando a introduzir no ensino médio, leva em consideração os desejos e anseios da humanidade, assumindo assim a filosofia o papel de orientar e despertar nos alunos tais habilidades. Seguindo o pensamento de Heidegger onde o ser em forma de Dasein percebe o mundo através de sua abertura, podemos salientar que esta abertura pressupõe que o ser possa a partir dela se reconhecer a si mesmo e não outro ser, desta forma o ser passa a ter características próprias que o definem.

O sentir-se faz parte da vida do ser que está vivo e permanece no mundo da vida. A afetividade faz com que o ser no mundo possa se revelar diante dos fenômenos que a ele se apresentam. Nesta perspectiva a afetividade é tomada por Henry como “a matéria fenomenológica que vai constituir a essência da vida”.<sup>15</sup> A vida não pode deixar de ser ela mesma, o que leva ao ser presente no mundo, vivenciá-la e experimentá-la, deixando-se afetar. A experimentação de mundo depende de cada “ser”, mas a maneira como este “ser” percebe seu mundo pode ser direcionada pela filosofia. Desta forma pensar a filosofia como ensino implica, necessariamente, levar em conta o problema da natureza e da finalidade da Educação filosófica.

Embasado nos pressupostos descritos até o momento sobre o ensino da filosofia, podemos ver que as competências e habilidades passaram a ocupar um espaço significativo na estrutura curricular. Diante desta realidade discutir sobre os modos de ensino da filosofia pressupõe necessariamente pensar sobre o processo de ensino e aprendizagem orientados em sala de aula. Neste sentido a educação filosófica se preocupa em explorar o mundo em busca de respostas para os acontecimentos vividos, esta educação propriamente dita procura preencher a lacuna deixada pelas outras disciplinas.

Neste formato educacional que procuramos exemplificar surge as habilidades afetivas como uma das principais finalidades a que o ensino de filosofia deve propor aos seus alunos, desta forma, pretendemos se preocupar menos em formar alunos com excelência filosófica por entendermos que nem todos são de fato os sujeitos dessa preocupação. O que nos leva a entender que a necessidade inicial do aluno é se encontrar e se reconhecer dentro do mundo. Isso nos leva a deixar em aberto a pergunta que muitas vezes não paramos e nos perguntamos o porquê de tantos jovens, não se encontram nos bancos escolares? Por que eles estão fora das salas de aula?

## CONCLUSÃO

Ao propormos uma discussão sobre a afetividade, percebe-se que este é um tema sempre presente entre os pensadores de diversas áreas que estudam este aspecto da vida humana, principalmente a filosófica.

Ao elencarmos a importância da presença da afetividade no ensino e as implicações das mesmas no processo de aprendizagem dos alunos do Ensino Médio constatou-se que este elemento pode ser decisivo para o sucesso da aprendizagem de cada aluno. Mesmo que pouco se fale desse assunto. Apesar de ter sido um estudo perfunctório de nossa parte, podemos observar que os aspectos relacionados com o envolvimento afetivo do professor(a) e o conhecimento

15 (Idem. 2017, P. 103).

sobre a afetividade podem fazer acontecer a aprendizagem com mais eficiência. Diante de tais evidências podemos desmistificar a ideia, de que não se tem uma cultura educacional que desenvolva a afetividade diretamente, deixando de lado que o entendimento da maior parte da população escolar seja advindo de senso comum, em que o ensino resulta numa forte tendência ao descaso com as questões mais pertinentes da humanidade.

Isto nos leva a presumir que estamos no início de uma longa caminhada sobre a nossa forma de agir, enquanto sociedade, para promover a afetividade, frente à constante instabilidade a que o aluno se expõe, pois, o sujeito em si tem uma forte tendência em assumir características pré-estabelecidas determinantes de uma sociedade capitalista, o que acaba dificultado a aproximação dos sujeitos frente a suas necessidades. Isso acaba nos evidenciando a necessidade de adotar o incentivo da afetividade em âmbito educacional, de modo que haja a sua inserção na sala de aula e os alunos possam discutir e refletir sobre o assunto.

Em vista disso, a educação de caráter afetivo tem como hipótese aproximar os sujeitos, quanto a suas necessidades de compreender a si mesmo e ao mundo. Para isso, é essencial a sua existência pautada nas mais diversas áreas de atuação na educação atual. Desta forma, nossa intenção não é de dar esta pesquisa por acabada, mas, sim, levantar algumas pinceladas em relação ao ser no mundo como ele se deixa ser reconhecido diante dos outros e suas relações de afeto, o que deixamos em aberto para que este estudo em relação à afetividade prossiga.

## REFERÊNCIAS:

BATTESTIN, Cláudia (Org.); Gabriel, Fábio Antonio (Org.). **Filosofia e educação: um diálogo necessário**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011. 323 p.

CERBONE, David R. **Fenomenologia**. Tradução de Caesar Souza. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

FÁVERO, Altair Alberto; KAPCZYNSKI, Ana Lucia. **A filosofia na reforma curricular do Ensino Médio pós LDB: habilidades e competências na formação para a cidadania**. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/refilo/article/download/23827/14026> Acesso em: 15 jul. 2019.

FURTADO, José Luiz. **A filosofia de Michel Henry: Uma Crítica Fenomenológica da Fenomenologia**. Dissertatio, p. 231 – 249, inverno/verão de 2008. Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/isp/dissertatio/revista/27-28/27-28-10.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2018.

Gallo, Sílvio (Org.); Kohan, Walter Omar (Org.). **Filosofia no ensino médio**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. 205 p

HEIDEGGER, M. **Conferencia e Escritos Filosóficos**. Trad. e notas Ernildo Stein. São Paulo: Nova cultura, 1999.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Parte I. Trad. Márcia Sá Cavalcante. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Parte II. Trad. Márcia Sá Cavalcante. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.

HEIDEGGER, M. **Fenomenología material**. Trad. Javier Teira y Roberto Ranz. Madrid: Ediciones Encuentro, 2009.

HENRY, Michel. **La Esencia de la Manifestación**. Traducción anotada de Miguel García-Baró y

Mercedes Huarte. Ediciones Sígueme Salamanca, 2015.

KOHAN, Walter Omar. **Fundamentos à Prática da Filosofia Pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PRASERES, Janilce Silva. **Fenomenologia da afetividade**: um estudo a partir de Michel Henry. Passo fundo: Saluz, 2017.

TELES, Maria Luiza Silveira. **Educação A revolução necessária**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1

WERNECH, Hamilton. **Ensinamos de mais aprendem de Menos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.